

## MEMÓRIA BREVE PARA UMA LONGA ESTÓRIA

### *BRIEF MEMORY FOR LONG STORY*

Zetho Cunha Gonçalves <sup>1</sup>

Na manhã daquele sábado, manhã de sábado imediatamente a seguir ao anúncio da atribuição do Prémio Nobel de Literatura a José Saramago, entrei numa pastelaria do Largo da Graça, em Lisboa, para tomar um café ao balcão.

Como sempre, àquela hora, a pastelaria enchia-se de famílias inteiras e de gente mais apressada e menos numerosa na sua solidão ou companhia, a tomar o pequeno-almoço. Ou um simples café, para acompanhar a leitura do jornal.

Cliente habitual, não precisei dizer mais que «Bom dia», para que me trouxessem o café e o respectivo copo de água.

E foi nesse momento, que reparei naquela figura, ali em pé, alheada de tudo à sua volta e ligeiramente afastada do balcão, a folhear um livro e a falar sozinha (ou a falar para os secretos botões da sua memória), num espanto e comoção que registei.

Era um homem de alguma idade – 83 anos, vim a saber pouco depois. Nado e criado naquele mesmo Bairro da Graça, onde vivia. Na mesma, mesmíssima casa onde nascera, à Rua das Beatas.

Era um homem com 83 anos de idade, que os não aparentava, vestindo blusão desportivo, camisa e calças lavadas e cuidadosamente engomadas, sapatos limpos e engraxados, óculos de algumas dioptrias, e boné a proteger a calvície do sol e do fresco do outono ainda insinuante.

Era este o homem para quem os circunstantes olhavam como quem olha para um *avôzinho* que se passou completamente para o lado de lá, deu em pímulas, coitadinho, e desatou, agora, a falar sozinho, de livro em punho – qual Bíblia fosse, na sua particular pregação –, feito poeta incompreendido e manso (do género de

---

<sup>1</sup> Zetho Cunha Gonçalves é um poeta, ensaísta, tradutor e autor de literatura infantil angolano. E-mail: [zethogoncalves@yahoo.com](mailto:zethogoncalves@yahoo.com)

mensageiro sereno de catástrofes e milagres por haver), ou, ainda, intelectual tardio, ressabiado, certamente inconveniente e menosprezável.

Curiosamente, ninguém se preocupou em fixar o olhar, e ler o nome do autor e o título do livro que aquele *avôzinho* (sempre a falar sozinho, ou a falar com os mais insondáveis botões da sua estremecida e enternecida memória fatal), tão amorosa e filialmente folheava, e cujas páginas comovidamente acariciava.

– O senhor tem nas mãos uma verdadeira preciosidade – comentei eu, retardando propositadamente o passo a seu lado, em direcção à caixa de pagamento.

Nem um olhar de soslaio, como resposta.

– Desde essa coisa de darem o tal do Nobel, que eu nem sei bem o que é, ao comunista do Saramago – confidenciou a boa da dona Ester enquanto me fazia o troco do café –, o senhor Vieira não se cala, coitado!... – E, à boca pequena, obrigando-me a aproximar o ouvido: – «Fui eu que fiz esta merda toda!... Fui eu que fiz esta merda toda!...», com perdão da palavra, senhor Zetho – continuou a boa da dona Ester, espetando o queixo na direcção do senhor Vieira –, é o que ele passa o tempo a dizer... A dizer, e a virar aquele livro de trás prá frente, sem parar: «Fui eu que fiz esta merda toda, e agora dão aquele prémio ao homem!...» – Deu um suspiro fundo, a boa da dona Ester. Comprimiu os lábios, abanou a cabeça, e acrescentou: – Tão boa pessoa, o senhor Vieira!... Até parece que lhe deu uma coisinha ruim, ou que lhe fizeram um bruxedo qualquer, que lhe virou o juízo todo ao contrário, coitadinho!... Sempre tão respeitador... e agora... olhe-me só para aquilo, até mete dó!...

Olhei para trás, confesso que meio atordoado, enquanto a boa da dona Ester dava um novo suspiro e se preparava para atender o cliente seguinte, resignada e temente a Deus, como todos os dias:

– Até logo, senhor Zetho, se Deus quiser.

– Até logo, dona Ester.

E já não vi o senhor Vieira.

\*

\* \*

Enquanto atravessava a pastelaria, veio-me à memória o poeta português António Gancho (1940-2006) e a sua tragédia pessoal.

Internado a maior parte da vida numa casa de saúde mental, onde acabou por morrer, a loucura levava-o a acusar de plágio, ou de roubo descarado dos seus dotes e talentos, da sua genialidade incontestada, poetas tão distintos e distantes no tempo, como Dante, Shakespeare, Petrarca, Verlaine, Gil Vicente, Virgílio, Rimbaud, Camões, Vicente Huidobro, Baudelaire, Ezra Pound, Homero, Rilke, Cesar Vallejo, Artaud, Goethe, Fernando Pessoa, Höderlin, Camilo Pessanha, ou Mário de Sá-Carneiro, sendo ele, e apenas ele, António Gancho, o autor legítimo de toda a obra assinada por esses mesmos poetas.

– Todos uns ladrões! – garantia serenamente o poeta António Gancho. – Eu é que escrevi *Os Lusíadas* e *A Divina Comédia!* –, acrescentava ele, com um breve sorriso triste, no mesmo tom de voz brando e determinado, queixando-se, de seguida, do nervo em forma de esparquete que os médicos lhe haviam extraído da cabeça há mais de vinte anos, o que o impedia, ainda hoje, de tomar banho que não fosse sem gravata. Caso contrário, entrava-lhe toda a água do duche para dentro do cérebro, que desatava a chocalhar que nem um naufrago, provocando-lhe mazelas de ferrugem irreparáveis.

– Como é que eu, com o cérebro completamente enferrujado, e os miolos bons mas é para a sucata, posso escrever a *Odisséia* que o Homero me roubou?! Tenho que tomar banho, mesmo que não quisesse, sempre de gravata!

\*

\* \*

Parado no passeio, à esquina da pastelaria com a Rua das Beatas, lá estava o senhor Vieira. Continuava a falar sozinho e a folhear o livro, como se estivesse discretamente à espera da disponibilidade de alguém para uma bela conversa.

– Bom dia, senhor Vieira.

– O senhor quer saber a verdade?! – ripostou, sem me deixar sequer pestanejar. – Fui eu que fiz isto tudo que o senhor aqui vê!... Tudo! – e mostrava-me

o livro, acariciando-lhe a capa, a lombada, apontando para as páginas e respectivas manchas de texto, com um orgulho indisfarçável e uma alegria comovida de menino.

Aqui, foi a minha vez de ser cruel:

– O senhor é que escreveu esse livro?!

– Eu!? – ofendeu-se o senhor Vieira. – Não senhor, homem!... Eu tinha lá “capitulância” para isso!... – e levando a mão ao bolso interior do blusão, retirou a carteira dos documentos, de onde separou a carteira profissional de tipógrafo e o bilhete de identidade que me fez confrontar, de modo a que me não restassem dúvidas sobre a idoneidade da sua pessoa, e eu soubesse, de uma vez por todas, com quem estava a falar.

E assim fiquei a saber, de prova provada por uma requintadíssima minúcia de pormenores, como aquele livro foi todo ele feito por este senhor que eu tinha agora ali à minha frente.

Digo: “todo ele feito”, e digo bem. Porque era à sua feitura de composição tipográfica (em chumbo, letra a letra), concepção gráfica, paginação, revisão e capa (a impressão e acabamentos couberam a outra tipografia), que Fernando dos Santos Vieira se referia e arrogava da autoria.

O livro chama-se *Terra do Pecado*, e é a obra de estreia de José Saramago. A sua publicação remonta a 1947, e durante cerca de 50 anos foi título que andou rasurado na bibliografia do autor.

Se outra razão não houvesse, esta razão bastaria para tornar aquele exemplar, ali, nas mãos espantadas do velho tipógrafo, numa verdadeira raridade bibliográfica, capaz de atingir uma cotação de mercado disputadíssima e alta. Mas essa, de todo era a importância – em todos os sentidos que na palavra “importância” possam caber ou haver – que o meu interlocutor lhe atribuía. Aquele livro, enquanto objecto físico em si, e para além da autoria e paternidade literária e estética de José Saramago – aquele livro era um filho seu, também. E um filho não tem cotação de mercado capaz de o amputar ao seu progenitor – mal seria, de parte a parte, se tal acontecesse.

– Eu só queria conhecer o homem... – diz-me o senhor Vieira sem levantar os olhos do livro, que nunca deixou de folhear e acariciar, com a voz a toldar-se-lhe pela comoção. – Eu só queria conhecer o homem, para lhe dizer: «Veja lá o senhor,

senhor Saramago, as voltas que a vida dá: o senhor ganha o Prémio Nobel, e fui eu quem fez o seu primeiro livro... O seu primeiro livro todo, inteirinho, numa ponta à outra, na tipografia da revista Vida Mundial!... Isto é de um tipo ficar chalupa!...»

\*

\* \*

Imaginei o encontro do escritor cujos livros o tornaram conhecido, amado e celebrado por quantos cantos tem o mundo; o encontro do escritor agora laureado com o mais cobiçado dos prémios literários, e o seu hoje humilde, obnubilado e anónimo dona Estertipógrafo. Mas, também, o encontro desse outro e o mesmo homem – tal como o próprio Saramago o viria a descrever, referindo-se à sua peça de teatro *Que Farei Com Este Livro?* e a Luís Vaz de Camões, no *Discurso Pronunciado na Academia Sueca, em 7 de Dezembro de 1998* –, esse mesmo homem, então obscuro para o mundo das letras, que José Saramago também foi (o mesmo José Saramago, que, ainda em 1978 ou 79, viu o original do seu romance *Levantado do Chão* ser recusado para publicação por uma importante editora portuguesa, e, em 1982, não teve lugar na mesa de honra das comemorações do 25 de Abril, na cidade de Santarém, em Portugal!), com a humildade orgulhosa de um autor que vai chamando a todas as portas à procura de quem esteja disposto a publicar-lhe o livro que escreveu, sofrendo por isso o desprezo dos ignorantes de sangue e de casta, a indiferença desdenhosa de um rei e da sua companhia de poderosos, o escárnio com que desde sempre o mundo tem recebido a visita dos poetas, dos visionários e dos loucos. Ao menos uma vez na vida, todos os autores tiveram ou terão de ser Luís de Camões, mesmo se não escreverem as redondilhas de «Sôbolos rios...»<sup>2</sup>

E imaginei o encontro desse José Saramago com o seu tipógrafo, então prestigiado e disputado chefe-tipógrafo, estimado e conhecido, famoso à escala do seu mundo – esse mesmo chefe-tipógrafo que, ao manuscrito de *Terra do Pecado*, teve que estudar a caligrafia, para depois lhe compor o texto letra a letra, revê-lo,

---

<sup>2</sup> SARAMAGO, José. Discursos de Estocolmo. Lisboa: Editorial Caminho, 1999, pp. 20-21.

paginá-lo, e proceder ao milagre de devolver e multiplicar a vida à vida das suas personagens, pela nobreza caligráfica da palavra impressa em letra de forma.

Imaginei tudo isso – só me faltava, agora, vê-los aos dois à conversa.

\*

\* \*

Muito embora José Saramago vivesse há já alguns anos em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, o seu nome figurava ainda na lista telefónica da cidade de Lisboa. E essa bem poderia ser uma pista para se chegar a ele sem mais delonga. Disso mesmo dei conta ao meu interlocutor, convidando-o a voltarmos à pastelaria, onde poderíamos consultar a lista telefónica, e tomar outro café.

– O senhor conhece o Prémio Nobel de Literatura?! – pergunta-me o senhor Vieira, com um riso incrédulo nos olhos. E era bem um riso incrédulo de menino, a espreitar por detrás das grossas lentes, o que eu vi naqueles olhos cansados do chumbo e dos componedores tipográficos.

– Conheço. E terei o maior prazer em tudo fazer para que vocês se encontrem e se conheçam. Estou certo que o Saramago ficará tão feliz e tão comovido como o senhor Vieira está agora.

– A sério, homem?!

– Não tenho a mais pequena dúvida.

Voltámos a entrar na pastelaria, encostámo-nos ao balcão, e o senhor Vieira pediu a lista telefónica e mais dois cafés.

Peguei numa folha de papel e copieei da lista o número de telefone em nome de José Saramago.

– Deixa-me tentar fazer uma chamada, senhor João?

Reparei que, enquanto o senhor João me colocava o telefone em cima do balcão, a boa da dona Ester se benzeu e pôs as mãos em prece, comprimindo muito os nós dos dedos contra os lábios.

Bebi o último gole de café, levantei o auscultador, e comecei a discar o número.

– O senhor está a ligar para a casa do Prémio Nobel?! – quis saber o senhor Vieira, voltando a folhear e a acariciar o seu exemplar da *Terra do Pecado*.

Fiz que sim com a cabeça, enquanto discava os últimos dígitos.

Do outro lado, o telefone começou a chamar.

– Senhor Vieira – disse eu –, o telefone está a funcionar.

– Eh pá! – exclamou o senhor Vieira, apoiando-se ao balcão e voltando o olhar para o chão que lhe fugia debaixo dos pés. – Tenho as pernas a tremer que nem varas verdes!... Eh pá, olhe-me só para isto!...

A boa da dona Ester, saindo do seu posto

– Ai, meu Deus, senhor Vieira!

providenciou um copo de água onde dissolveu um pacote de açúcar.

– Eh pá – insistia o senhor Vieira, ele próprio, entre surpreendido e divertido com a situação –, olha-me só para isto: a tremer que nem varas verdes aos 83 anos de idade!...

– Beba, senhor Vieira – suplicou a boa da dona Ester, estendendo-lhe o copo.

– O senhor tem andado muito fora de si, muito nervoso, com essa coisa do Nobel que deram ao comunista do Saramago...

– E não é para um tipo ficar chalupa, acontecer-lhe uma coisa destas, na minha idade?!... – contrapôs o senhor Vieira. – E se o homem é comunista, só tem mais é que ser respeitado! Ladrões e bandidos tementes a Deus, desculpe-me que lhe diga, dona Ester, já nós cá temos de sobra!... Agora, Prémios Nobel!...

– Por isso mesmo é que não se pode enervar, senhor Vieira – admoestou-o a boa da dona Ester, alvitrando: – Beba um bocadinho de água com açúcar, que lhe faz bem às varas verdes do nervoso. E não ligue a essas coisas do Nobel, que a gente nem sabe o que são!...

O senhor Vieira deixou de tremer das pernas, esquecido da razão do telefonema que eu tentava fazer, para abanar a cabeça da esquerda para a direita, e da direita para a esquerda, seguindo, com o seu olhar ofendido, o regresso da boa da dona Ester ao seu posto, atrás da máquina registadora.

Ninguém me atendeu do outro lado da linha, e a ligação telefónica acabou por ser encaminhada para o gravador de chamadas.

Desliguei o telefone, e continuei à conversa com o velho tipógrafo.

Sentámo-nos a uma mesa que entretanto vagara. Trocámos números de telefone e moradas:

– Aqui tem o meu telefone – disse eu, entregando-lhe uma folha de papel –, e o contacto do Saramago, em Lisboa...

– Eh pá, eu não sou capaz de ligar para o homem! – disse-me o senhor Vieira, dobrando a folha de papel, que colocou junto à sua carteira profissional, na carteira dos documentos.

– Ligue, senhor Vieira – insisti eu. – O Saramago é uma pessoa simples, e vai ficar felicíssimo ao conhecer essa sua história, que é um belo pedaço da história dele, também!... E depois, senhor Vieira, já reparou que este vosso encontro, a concretizar-se – e eu espero bem que sim! –, pode ser até, na História do Prémio Nobel de Literatura, a primeira vez que um escritor galardoado se encontra com o tipógrafo do seu primeiro livro?!

– Porra, senhor Zetho, nem me diga uma coisa dessas!... Com essa é que eu pirava de vez!...

– Mas corre sérios riscos, senhor Vieira... não digo de pirar de vez da bola, mas de ir parar ao *Guinness*!...

A conversa e a narração de peripécias da vida de Fernando dos Santos Vieira continuaram até à hora do almoço. Combinámos encontrar-nos mais vezes (éramos, afinal, vizinhos!), e ficou assente que, pela minha parte, iria fazer tudo que estivesse ao meu alcance para promover o encontro entre os dois: o escritor e o *seu* tipógrafo, cinquenta anos depois.

À despedida, pergunto-lhe:

– O senhor Vieira não se importa de dar uma entrevista sobre esta sua aventura com o primeiro livro do José Saramago?

– Oh senhor Zetho, claro que não! – e saiu, para ir almoçar com o filho.

Fui à caixa pagar o telefonema e os cafés. A boa da dona Ester não resistiu:

– Como é que o senhor Zetho conseguiu tirar aquela maluqueira do Nobel e do livro, da cabeça do senhor Vieira?!...

– Foi fácil – ripostei eu, com o melhor humor que pude: – desenfeitei aquilo tudo!

– Abençoado seja, senhor Zetho!

– Até logo, dona Ester.

– Até logo, senhor Zetho, e que Deus o guarde.

A caminho da porta, ainda ouvi a boa da dona Ester comentar para alguém:

– Graças a Deus que o senhor Zetho conseguiu desenfeitiçar aquela coisa do Nobel e do comunista do Saramago, da cabeça do senhor Vieira!...

\*

\* \*

Dois ou três dias depois, no Bar que nunca foi Bar, mas que foi, durante anos, o nosso escritório das horas de passagem e de encontro, falei desta estória, e da eventual entrevista ao seu protagonista, ao meu amigo, o poeta e jornalista moçambicano Luís Carlos Patraquim.

– Eh pá, camarada Zetho – diz-me ele, sentencioso, no breve intervalo entre duas dessedentosas cervejas –, isso são delírios de velho! Sei bem o que isso é.

E começou a assobiar o *I Love Paris In The Morning*.

Não foi fácil convencer o meu querido amigo Luís Carlos Patraquim (no sábio parecer do saudoso poeta, e também moçambicano, José Craveirinha, «um barril de desperdícios»), de que aquela estória era verdadeira, comprovada por documentos irrefutáveis. E mesmo fazê-lo deslocar-se do Largo da Misericórdia ao Largo da Graça – breve e rápida viagem, de uma das sete colinas de Lisboa, a outra –, só para entabular conversa e comprovar por si da veracidade, ou não, da estória de Fernando Vieira e do livro inaugural da obra de José Saramago, foi coisa difícil de conseguir que acontecesse.

Até que chegou o dia. E, então, com os seus próprios olhos e ouvidos, Luís Carlos Patraquim encantou-se daquela personagem e da sua narrativa de vida – que não eram, afinal, delírios de velho.

E foi assim, que, por uma tarde de meados de Outubro de 1998, no primeiro andar do n.º 127 do Largo da Graça, nasceu a entrevista a Fernando dos Santos Vieira, «O Tipógrafo de José Saramago».

Assinada por Luís Carlos Patraquim e pelo autor destas linhas, a referida entrevista (que se reproduz na sua íntegra, no capítulo seguinte) viria a ser

publicada no suplemento *Vidas* do jornal Expresso, de Lisboa, a 6 de Novembro de 1998.

E esta é a sua verdadeira biografia, na inevitável memória breve para uma longa estória.

\*

\* \*

Enquanto vivi no Largo da Graça, continuei a conviver com Fernando Vieira. E, muitas vezes, também Luís Carlos Patraquim, vindo do seu subúrbio de Santo António dos Cavaleiros, compareceu à conversa.

Foram tardes maravilhosas, aquelas, ali a ouvir, pela voz e pelo humor do velho tipógrafo, o gotejar dos tempos numa memória encantada pela muita vida, e pela cidade de Lisboa, sempre, com todos os seus segredos escancarados à flor do riso.

Tanto eu como Luís Carlos Patraquim (poeta então também publicado pela Editorial Caminho) intercedemos junto do editor Zeferino Coelho – não só na sua qualidade de editor de José Saramago, mas também na sua qualidade de amigo pessoal do autor de *Memorial do Convento* –, para que contornasse aquela sobrecarga verdadeiramente inumana de solicitações e compromissos que era a agenda de José Saramago, e implementasse (para utilizar um termo que o meu amigo Patraquim adora!) um encontro de memórias e afectos, entre o escritor e o seu tipógrafo.

Acontece, porém, que a sobrecarga da agenda do editor Zeferino Coelho era tão inumana quanto a de José Saramago. E nunca os astros se conjugaram de modo a que o encontro acontecesse, como mereciam José Saramago e Fernando dos Santos Vieira: numa prosa lenta e sem cronómetro para a Vida.

### O TIPOGRAFO DE JOSÉ SARAMAGO<sup>3</sup>

Se é verdade que andam faunos pelos bosques, como queria mestre Aquilino, ele há gente que nesta Lisboa ainda vai «tropegando» memórias do tempo do cerco, quando jornais, prostitutas e tipografias compunham a alma de um Bairro Alto que já não há.

Na *História do Cerco de Lisboa* há uma vírgula que se não despega do revisor Raimundo Silva, trocando-lhe as voltas a ele – encalacrada personagem – e ao enredo. Mesmo assim, é um homem com sorte, ficto, em corpo dez, impresso em *offset*, filho da imaginação do Prémio Nobel de Literatura deste ano da graça de 1998.

Mas na vida real há um outro, vero tipógrafo, compositor, paginador, revisor e tudo, de seu nome Fernando dos Santos Vieira, a que podemos chamar o tipógrafo de José Saramago.

Faz oitenta e três anos que mora no bairro da Graça, em Lisboa, na mesma casa onde nasceu, filho de uma espécie de soldado Schveik das Campanhas d'África, e que há 51 anos, na tipografia da revista *Vida Mundial*, se encarregou de dar corpo, volume e lombada, a um manuscrito de um novel escritor que, já livro, levaria o título de *Terra do Pecado*. Saramago retirou-o da sua bibliografia durante muito tempo e só recentemente o reeditou. O tipógrafo Fernando dos Santos Vieira fez o mesmo, que isto de decifrar textos e compô-los tipo a tipo anos a fio não dá para acertar azimutes de nomes nem de personalidades.

Mas eis que neste Outubro pós-Expo 98 cai a notícia como um fogo de artifício: José Saramago é o Nobel de Literatura. O tipógrafo ouve-a e começa a matutar na sua particular vírgula da memória. «Eu tenho um livro deste gajo! De certeza que tenho! Um livro que eu fiz». E vai de ir à estante, aos esconderijos da velha casa. Confessa: «Virei tudo e não descansei enquanto não o encontrei».

Exibe-o, capa em azul, ilustração de Muge – e nem ele se lembra quem seja – , chancela da Minerva, as folhas entre o húmido e o amarelo. É a sua notícia ou proposta de particular biografia, actividade a que qualquer «José» se devia obrigar, como uma vez afirmou o autor de *Memorial do Convento*.

---

<sup>3</sup> Entrevista feita em colaboração com Luís Carlos Patraquim.

P. – Qual foi a sua sensação quando encontrou o livro e teve a certeza de que tinha sido você a fazê-lo?

R. – Telefonei logo para o meu filho, a contar-lhe o que me tinha sucedido: «Vê lá tu o que me havia de acontecer agora, no fim da vida: um livro que eu fiz quando tinha 31 ou 32 anos, tenho agora 83, e o homem ganha um galardão daqueles!... É de um tipo ficar completamente chalado da cabeça!» Há 50 anos que eu fiz isto, é uma vida!... Um livro feito lá, na tipografia onde eu era chefe, para pagar uma dívida ao outro...

P. – Que história é essa da dívida ao outro?

R. – O José Cândido Godinho, que era o dono da *Vida Mundial*, tinha uns desguisados com os gajos do *Jornal do Comércio*, que lhe imprimiam a folha. Por causa disso, resolve montar uma tipografia própria na Rua da Rosa, n.º 29 a 31, sem quase dinheiro nenhum! Comprou, então, a crédito, umas caixas de tipos já velhinhos à editorial Minerva. Eu fui para lá como chefe dos tipógrafos, apesar de novo, cerca de trinta anos.

Quando foi para fazer o livro *Terra do Pecado*, do José Saramago, o dono da Minerva, que era o Manuel Rodrigues, entregou o original ao José Cândido Godinho para tomar conta do recado, entrando assim os custos de produção em acerto de contas com a Minerva. O homem não tinha mais hipótese nenhuma de pagar a dívida ao Manuel Rodrigues. Está a ver... o tipo a começar e surge-lhe aquela oportunidade.

P. – Como chefe dos tipógrafos, qual era concretamente o seu papel na nova tipografia da *Vida Mundial*?

R. – Como a malta das tipografias – uma cambada de bêbados, eu incluído – dizia em gíria própria, era preciso um certo “cabedal” para agarrar naqueles originais, decifrar a porra da letra, compor, paginar, emendar, eu sei lá. Trabalho que me coube, pois desde muito novo que me calhou andar logo a chefiar tipografias. Eu, um putanheiro, que perdeu os três vinténs no Bairro Alto, ainda aprendiz. Ia lá buscar o almoço do patrão – o dono da tipografia Elite, na Rua do Limoeiro, onde comecei –, e há uma gaja que me chama da varanda. Olho para cima e penso que era para fazer algum recado e ganhar mais algum, mas a tipa pergunta-me quanta

guita trazia no bolso. «Três escudos e sete tostões e meio...» «Então, anda cá.» Na altura, o *serviço* já estava a cinco paus. Estão a ver como é a vida?... Apanhei tudo: mulas, cavalos duros, tomates lancetados, a ponta da gaita tratada a nitrato de prata... Quando me lembro, até tenho arrepios!...

P. – E não era cavaleiro!...

R. – Essa é que era boa!... Corneteiro foi o meu pai na guerra contra o Gungunhana. Veio de lá ferido e montou oficina de sapateiro de cardar e remendar aqui na Graça. Éramos muito pobres.

P. – Voltemos à *Terra do Pecado*. Depois de telefonar ao seu filho o que é que lhe passou pela cabeça?

R. – Eu falava para este homem, a dizer-lhe só isto: Olhe, senhor Saramago, o seu primeiro livro fui eu que o compus e paguei de uma ponta à outra! Então, o Prémio Nobel... e sou eu que faço o seu primeiro livro!... É para um gajo ficar chalado, aparecer-lhe uma coisa destas no fim da vida!... Veja lá você há quantos anos eu não via este livro, este e mais tralha que para lá tenho!...

P. – E chegou a lê-lo, depois?

R. – Não! Aquilo era só aviar. Se quiser, li-o às avessas, no compondor.

### TER OU NÃO TER «CAPITULÂNCIA»

P. – Conheceu pessoalmente o José Saramago?

R. – Não, só de nome, porque o original não foi entregue directamente pelo Saramago à tipografia da *Vida Mundial*, mas pelo Manuel Rodrigues da Minerva. E eu tomei conta do assunto porque os outros não tinham “capitulância” para aquilo.

P. – “Capitulância”?

R. – Sim, “capitulância”. Era um termo nosso. Em vez de competência, dizíamos “capitulância”.

P. – E o senhor, com toda a sua “capitulância”, como é que tomou conta do assunto?

R. – Peguei no original, estudei a caligrafia...

P. – O original era manuscrito?

R. – Era, sim senhor. E com uma letra muito difícil de se ler, assim larga... Então, estudei a caligrafia do homem, bem estudada, para depois não meter muita água no bote e comecei a compor aquela tralha toda. Tinha o original preso por uma mola num suporte, de cujo nome já não me lembro, e lá ia compondo o livro, letra a letra, linha a linha, corpo 10, redondo. Como já não se faz! E à mão, estão a ver os senhores?!...

Preparava-se o componedor, que era uma coisa feita em metal branco que levava aí umas seis ou sete linhas de cada vez. Quando o componedor estava cheio, retirávamos tudo para um galeão e, já com um pedaço assim de texto, amarrávamos aquilo com uma guita, de forma a poder tirar-se uma prova e só depois é que ia para a revisão. Dessa prova e dessa revisão é que um gajo emendava o que havia a emendar e só depois é que paginava.

P. – Foi esse, então, o seu trabalho?

R. – Foi, sim senhor. Tudo quanto vocês estão a ver daqui para diante (o velho tipógrafo aponta para o miolo do livro) é tudo meu, tudo! Estão a ver estes filetes aqui, na folha de rosto? Nós não tínhamos nada disto, lá na oficina. Foram feitos em chumbo, na máquina de compor. E ficaram porreirinhos...

P. – Isso levava muito tempo?

R. – Oh, pá, já não me recordo, mas acho que era rápido. Quando se juntavam 16 ou 32 páginas, era logo tudo impresso. Impressora plana, embora já houvesse rotativas. O livro foi imprimido na Imprensa Lucas & C.<sup>a</sup>, na Rua do Diário de Notícias, n.º 61. O chefe daquilo era um velhote muito jeitoso, reinadio...

P. – E a história com a Pide, conte lá como é que isso foi?

R. – Eu vinha de falar com o Zé Bastos (pai do escritor Baptista-Bastos), que era o chefe da tipografia do *Diário Popular*, e vinha todo satisfeito: a gente sempre fala com este, fala com aquele, enfim... Quando chego à *Vida Mundial*, vejo lá dois sujeitos à minha espera e, ao princípio, até julguei que fossem clientes. Bom, lá clientes eram, mas eram dois clientes muito sacanas, os filhos da puta!

P. – E o negócio com esses «clientes», como é que lhe correu?

R. – Um dos empregados da casa disse-lhes que eu é que era o chefe. «Você é que é o chefe disto?!» «Sou, sim senhor! Porquê, há algum mal nisso?!» Os gajos

ficaram espantados: «Tão novo?!» «E o que é que isso interessa? O que é preciso é saber.» Então – eh, pá, ainda estou a ver! –, viram a lapela do casaco, aparecem os distintivos da Pide e um deles diz: «Nós vimos buscar o livro *Terra do Pecado!*». E eu respondi: «Não temos cá nada, isso já foi ontem tudo embora.» Os cabrões ficaram com cara de parvos, mas como eu estava à vontade, disse-lhes: «Os senhores têm a casa toda para ver, não é muito grande nem tem esconderijos, fazem favor...» Tinha ido tudo embora na véspera.

P. – O livro chegou a ser apreendido, depois?

R. – Que eu saiba, não. Não me lembro de nada disso. Lá é que eles estavam todos, dali é que desapareceram. Até há uma coisa curiosa. Na antevéspera da chegada da Pide, o José Cândido Godinho disse-me, apontando para os livros: «Oh Vieira, acaba com esta merda toda daqui para fora!» (Risos) Aquela merda toda é o primeiro livro do homem, o Prémio Nobel de Literatura!...

P. – Pela sua belíssima carteira profissional, podemos ver em que dia é que você começou a trabalhar na tipografia onde fez a *Terra do Pecado*?

R. – Está aqui, sim senhor. Comecei a trabalhar no dia 11 de Janeiro de 1947 e saí de lá no dia 8 de Março de 1949.

P. – E era bem pago?

R. – Está aqui escrito: 60\$00 por dia, 410\$00 por semana. Naquele tempo era um bom ordenado.

P. – Como é que você vai para tipógrafo?

R. – Fui para tipógrafo porque o dono da tipografia Elite, que foi fechada duas vezes pela Pide, tinha sido hóspede em minha casa, antes de casar. Então, ele disse ao meu pai: «Sacana do puto, quando fizer o exame, vai lá para a oficina.» E assim foi. Esse homem chamava-se Armando de Jesus Carthol. Olhe, ainda conheci a Rua do Limoeiro sem o miradouro...

Comecei a trabalhar com dez anos e meio, onze. Aquilo era tudo gente do “contra”. Quando era para fazer panfletos, por exemplo, pedíamos os tipos emprestados aqui e ali para a Pide não ter rasto. Os gajos tinham o catálogo dos tipos de todas as tipografias. Mas a malta trocava-lhes as voltas. Corríamos as diversas oficinas, a pedir émes ou énes, todas as letras, porque cada casa funcionava com famílias tipográficas diferentes umas das outras. Os panfletos

ficavam com uma salgadeira de letras que os filhos da puta da Pide bem podiam ir aos catálogos, que não descobriam nada!

## MEMÓRIA DE BENTO GONÇALVES

P. – Um dos jornais impressos na tipografia Elite era o *Ecos do Arsenal*, cujo editor, Bento Gonçalves, foi o primeiro secretário-geral do PCP [Partido Comunista Português]...

R. – É verdade, sim senhor! Eu tinha os meus doze anos quando o conheci. Era um homem muito digno! O comandante do Arsenal da Marinha, antes de ele ser deportado, chamou-o e disse-lhe: «Oh Bento, você deixe lá isso da política, que eu dou-lhe um lugar muito superior.» Ele não aceitou, e foi parar ao Campo de Concentração do Tarrafal. Eu, hoje, quando falo dele, sinto um frio... um frio, ouviu?!... Contactei com ele muitos anos. É a corna da vida: um gajo nasce para morrer!

P. – Chegou a ser militante do PCP?

R. – Nunca fui propriamente do “Partido” mas também fiz coisas para eles, em puto. Lembro-me de uma vez irmos uma caterva de rapazolas, com os bolsos cheios de pedras, escaqueirar um palacete lá para os lados de Santa Catarina, numa revolta qualquer... Sabe, isto agora já me vai a cabeça fugindo... De outra vez, fui buscar a máquina onde era impresso o *Avante!*, ali na Calçada da Estrela, mesmo nas barbas do Salazar, e ver restos de provas espalhadas pelo chão, que denunciavam os gajos se a Pide lá entrasse!... Eu era do “contra” porque se vivia um grande mal-estar, injustiças, tudo!

P. – Qual era a sua relação com o Bento Gonçalves?

R. – Olhe, ia ter com ele ao Arsenal da Marinha, onde o Bento era operário-chefe da construção naval, a buscar os originais para o jornal. Era preciso cautela. O Bento Gonçalves já me tinha avisado: «Se for um tipo assim, assim e assim, tu não pedes para vir ter comigo. Mas se for outro, assim e assim, tu pede-lhe para entrar.» Então, eu chegava ali à porta, via quem lá estava e, se fosse o tal, vinha-me embora

e ia lá no outro dia. Se fosse o outro: «Posso ir falar com o Bento?» «Vai lá, vai lá... já sabes quem é?» «Sei, sei.» «Então, vai lá.» Era assim, quando um gajo era puto comunista.

Mas sabe? O Bento não gostava de parágrafos. Era tudo para ler! O gajo gostava daquilo tudo cheio, tudo cheio... Dizia que se pagava tudo, não se podia desperdiçar papel...

Quando soube da morte dele, no Tarrafal, fiquei triste, triste!...

P. – Certamente que fez mais livros... Lembra-se dos autores?

R. – Fiz, mas já não vai lá, é uma coisa impossível... Puta da cabeça!... Ah, fiz o último do Rocha Martins, *Vermelhos, Brancos e Azuis*. A letra dele ainda era pior do que a do Saramago, era de um gajo ficar maluco!

Sabe, fiz muita coisa. Desde aluno, depois director, depois empregado da Voz do Operário, até me reformar na tipografia do *Jornal do Comércio* como preparador do semanário *Expresso*, que fiz desde o primeiro número.

E estão os senhores a ver como é a vida. Eu, tipógrafo, o meu pai, corneteiro do exército, depois sapateiro, ferido na primeira batalha em Moçambique. E sabem porquê? De Portugal mandaram para lá granadas de 7,5 para canhões de 7. Isto era o que o meu pai contava. Formaram o quadrado mas os gajos eram mais que muitos. Uma chacina. Só voltaram 14. Mas o meu tio, Jaime Valente, que era maluco, está com o Mouzinho de Albuquerque quando este prende o Gungunhana. Olhe, e ainda salvou, em 1908, o Rei D. Manuel II das balas do Buíça. Virou-lhe a arma e o tiro que era para o outro fica-lhe na perna. A Rainha D. Amélia foi condecorá-lo ao hospital.